

Ataliba Teixeira de Castilho: depoimento breve

Rosa Virgínia Mattos e Silva
(UFBa/CNPq)

O sonoro e nobre nome, Ataliba de Castilho, remete para incas dominados e hispânicos dominadores, mas o Teixeira – Ataliba Teixeira de Castilho – nos põe frente a frente ao verdadeiro Ataliba, que se auto-identifica como caipira paulista, do que aliás não pode fugir a ouvidos especializados, por deixar escapar, por vezes, o chamado *r* caipira, retroflexo, que marca as suas origens da infância.

Convidada por Cristina Altman, a quem já agradeço a lembrança, para fazer um depoimento previamente delimitado para o *Boletim* do *GT de Historiografia Lingüística da Anpoll*, em homenagem ao nosso Ataliba – digo ‘nosso’ porque, na Lingüística que aqui se faz, é ele pan-brasileiro, vou focalizar o que, principalmente, nos une, sobretudo a partir de 1990, quando me convidou para coordenar um grupo de trabalho na Unicamp, no *IX Congresso da ALFAL*, de que agora é presidente.

Na realidade, conheci Ataliba antes de conhecê-lo pessoalmente, quando li na *Revista Alfa*, em 1968, periódico que ele criou em 1962 na Faculdade de Letras de Marília, e que agora é a *Revista de Lingüística* da Unesp, sua tese de doutoramento sobre o aspecto verbal em Português. Provavelmente nos vimos em 1969, em congresso em São Paulo, quando aconteceram simultaneamente os encontros da ALFAL, da ABRALIN e do GEL, esta última Associação por ele engendrada, sem descontinuidade até hoje. Contudo, não visualizo Ataliba naquele lugar. Em 1970, convivemos em Salvador, no *I Instituto de Lingüística da ABRALIN*, quando também ocorreu um *Encontro Nacional do Projeto NURC*, embora eu só viesse a participar desse Projeto Interinstitucional,

o primeiro no âmbito da Lingüística Brasileira, a partir de 1973 e nele só fiquei até 1979, exatamente quando as gravações do NURC se abriam para os pesquisadores interessados pelo Português dito ‘culto’ falado no Brasil. Abriu-se com isso um veio enorme de análises sobre o Português Brasileiro urbano falado.

Meu interesse principal não era, de fato, o NURC. Era e é a Lingüística Histórica, no seu sentido estrito e tradicional, ou seja, o da constituição das línguas ao longo do tempo, no caso, a língua portuguesa. Não era ainda, ao que me parece, o campo de interesse principal de Ataliba. Aliás, ele é de múltiplos interesses na Lingüística, como bem mostram Adair Palácios e Denilda Moura na “Introdução” ao número da *Revista D.E.L.T.A.*, que organizaram em homenagem a Ataliba (número 14, 1998).

Com o retorno ao interesse brasileiro pela Lingüística Histórica, nos anos oitenta, pela via da sociolingüística laboviana e do gerativismo paramétrico, creio que as raízes formadoras de Ataliba na USP de Maurer Jr., Nicolau Salum, por exemplo, onde fez a graduação e a pós-graduação, se reacenderam e, não só na ALFAL de 1990 em Campinas, como na de 1996, na Gran Canária, me convidou para, mais uma vez, coordenar um ‘encontro de investigadores’ sobre a história do Português.

Nessa altura Ataliba já voltara à USP, aposentado, mas Titular Visitante na Unicamp e reiniciou sua carreira acadêmica ali, etapa por etapa, até obter a Titularidade em Língua e Filologia Portuguesa. Informou-me, então, que estava querendo, juntamente com Heitor Megale, entre outros, reativar na USP a antiga e rica orientação de estudos filológicos e da Lingüística Histórica que, praticamente, fenecera ali, como em quase todo o Brasil, nos anos sessenta a oitenta, em face das modernas ou modernas orientações da Lingüística no Brasil, mimética ao que vem de fora, o que é criativo e talvez necessário, mas tendente a

esquecer o que já vinha acumulando, desde a primeira metade do século XX, em uma tradição historicista. Tinha Ataliba este, entre outros objetivos (ele sempre é múltiplo), quando assumiu a Chefia do Departamento e a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP.

Para tanto já tinha um Projeto em mente que logo começou a tornar-se realidade, na companhia não só de colegas da sua geração, mas de outros mais jovens e também de pós-graduandos. Trata-se do Projeto sobre a *História do Português de São Paulo*, que deu a partida em 1995.

Ataliba sempre soube que nunca deixei de trabalhar sobre a história da língua portuguesa, desde a minha tese de doutoramento na USP em 1971. Certamente por sua participação no CNPq, tomou conhecimento do Projeto Integrado, coletivo, que, em 1992, deu entrada no CNPq, sob o nome de *Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)*, por mim coordenado até o momento. Esse Programa de Pesquisa tem como arco de tempo a língua portuguesa de suas origens ao século XVI e daí por diante inflete na constituição histórica do Português Brasileiro.

A partir disso, convidou-me para, conjuntamente com outros pesquisadores de outras universidades, interessados em interpretar a história do Português Brasileiro, iniciarmos uma longa jornada num Projeto coletivo e interinstitucional intitulado *Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*. E vamos nessa: entre 1997 e 2001 já ocorreram quatro seminários nacionais do PHPB. Dos dois primeiros já estão os resultados em livros publicados pela Editora *Humanitas* da FFLCH da USP.

Nesse projeto de longo curso, que será antes um amplo programa de pesquisa, há três vertentes de investigação: a constituição de *corpora* de documentos escritos no Brasil, a partir do século XVI, prioritariamente

documentos não-literários; com base nesses *corpora*, estudos de mudanças lingüísticas que distinguem o Português Brasileiro do europeu e, por fim, a reconstrução da história social lingüística do Brasil. Também pela *Humanitas*, na *Série Diachronica*, coordenada por Heitor Megale, já começaram a sair livros com *corpora* editados pelo grupo. De 1999 a 2001 surgem já estudos verticais sobre aspectos específicos da história do Português Brasileiro, sob a forma de teses de doutoramento. Ao todo cinco, defendidas na UFRJ e na USP.

Não poderia deixar de relatar que na UFBA, a qual pertenço, iniciado o Programa de doutoramento em 1996 (o mestrado existe desde 1976), há uma área de Lingüística Histórica e uma de suas linhas de pesquisa se intitula 'Constituição Histórica da Língua Portuguesa'. Em nossa grade curricular há os chamados *Seminários Avançados*, disciplinas modulares. Graças a essa estrutura flexível pude, como coordenadora do *Seminário II*, convidar Professores Visitantes externos. Em 1996, um dos módulos foi sobre *Funcionalismo e gramaticalização*. Ataliba foi o Professor Visitante convidado para isso e, logo em 1997, tornei a convidá-lo para tratar da mesma temática no *Seminário III*, porque havia ele lançado, em nosso Instituto de Letras, a semente do *Funcionalismo* e da *Gramaticalização*. Dessa semente já surgiram, em 1999, duas teses de doutoramento e em andamento estão três outras, além de algumas dissertações de Mestrado, também em andamento. Com isso, Ataliba tem estado desde 1996 ligado ao nosso Programa de Pós-Graduação, enriquecendo-o, sem dúvida.

Para concluir este depoimento, de delimitação rigorosa, quero dar um destaque especial à personalidade individual e acadêmica de Ataliba Teixeira de Castilho: é ele um semeador de idéias que frutificam; é um aglutinador de diferenças (basta ver a arte que teve em reunir trinta

e cinco pesquisadores, de orientações teóricas diversas, de doze universidades, para a realização do grande *Projeto da Gramática do Português Falado*, iniciado em 1988 e agora em fase de conclusão; atitude que continua no recente PHPB); além disso é um homem de ação institucional, no âmbito da Lingüística: criou a *Revista Alfa* e o GEL, em São Paulo; presidiu a ABRALIN e agora preside a ALFAL.

Tudo isso ele faz com um longo sorriso aliciador, que expressa amizade, confiança e gosto pelas múltiplas tarefas que realiza. Sob esse aspecto, esconde também suas canseiras – que o diga Célia Castilho, também lingüista, sua suave esposa. É incansável em partilhar com os outros, seus pares e seus alunos, o saber firme, curioso, sempre crescente, já que é um contínuo estudioso/estudante. Compartilhamento sem arrogância, com disponibilidade e simplicidade.

Tenho a honra e a satisfação de, neste *Boletim* em sua homenagem, expressar essas avaliações, porque considero Ataliba de Castilho não só um raro companheiro de interesses comuns, mas já o tenho como um Amigo, sempre pronto a atender às solicitações do grupo baiano: cursos, bancas, bibliografias... Esse sentimento de Amizade já se estende, tenho a certeza, por nosso Instituto de Letras e, muito especialmente, por nosso Grupo de Pesquisa, o PROHPOR.

Salvador, setembro de 2001